



A noiva Carla Azevedo experimenta o vestido no ateliê de Jaqueline Roxo, em Lisboa, poucos dias antes do casamento que se realiza este fim de semana

# Casamentos em versão low cost

**Emigrantes viajam para Portugal no verão só para poderem casar-se no Algarve ou na Madeira**

Texto **HUGO FRANCO**  
Foto **NUNO FOX**

Apesar de casar em agosto ser desgosto, como diz o adágio popular, este mês continua a ser o mês dos casamentos. Mesmo com a crise, as “wedding planners” (qualquer coisa como “planeadoras de casamentos”), empresas de *catering*, floristas ou lojas de vestidos de noiva têm tido clientes que chegam para encomendas. Com uma diferença significativa: em alguns casos os preços praticados caí-

ram para metade. “Há pessoas que não têm dinheiro mas querem casar-se na mesma. Nestes casos, gerimos as expectativas e fazemos coisas bonitas e baratas”, resume Sandra Gomes, que este ano deixou a advocacia e fundou a Outlux, empresa que organiza casamentos *low budget* com estilo.

A empresária revela que, perante a adversidade, as noivas não se importam de cortar nas ementas (dizem adeus às extensas tábuas de queijos e de sobremesas ou ao marisco), no tipo de convites (em vez de se-

rem impressos passaram a ser eletrónicos) e até mesmo nos arranjos do vestido que vão levar ao altar (fechando as portas às marcas). “Um vestido que custava três mil euros pode ser comprado agora por metade do preço”, acrescenta Sandra Gomes.

Bianca Oliveira, *wedding planner* da empresa algarvia ‘Do Pedido ao Altar’, garante que não são só os vestidos que estão mais baratos. “O preço da decoração e do *catering* é 50% mais baixo do que há quatro anos.”

A designer Jaqueline Roxo não partilha desta opinião mas reconhece que a crise veio mudar a atitude das clientes: “Estão mais ponderadas. Já não as vejo comprar por impulso.”

No ateliê da Vestidus, em Lisboa, muitas noivas que vão provar os vestidos já se adaptaram aos jargões da recessão. “Nota uma maior preocupação com o orçamento. Há muitas pessoas que não querem gastar fortunas em roupa”, conta Sara Silva. Para elas, a empresa criou uma linha de baixo orçamento, com vestidos de cerimónia menos ornamentados e sem cauda que não ultrapassem os €300.

Mas parece ser nos acessórios que as noivas poupam mais. “Aproveitam e reciclam os véus, colares, brinços ou sapatos que eram da amiga, da mãe ou da avó.” Sara Silva tem notado também que há um número crescente de casamentos que vão sendo adiados. “São casos em que o noivo ficou desempregado. Vão

mutando de data até as coisas melhorarem.”

Não foi o caso de Susana Santos, de 30 anos, que vai casar-se em setembro, no Funchal. A madeirense já tem a festa quase toda delineada e o orçamento controlado. “Noutra altura, teria corrido as lojas todas à procura do vestido. Mas com esta conjuntura faz-me confusão gastar demasiado dinheiro.” Por isso, comprou um tecido por €300 e pediu a uma amiga com jeito para a costura para fazer o vestido. E até o bolo vai ser de borla.

## Emigrantes casam em casa

O verão de 2013 parece ter despertado a saudade em muitos jovens emigrantes que têm regressado a Portugal nas férias só para se casar. “Este ano, 80% dos meus clientes são filhos de emigrantes, com idades entre os 25 e 30 anos”, revela Jason Moniz,

**“80% DOS MEUS CLIENTES SÃO FILHOS DE EMIGRANTES. VÊM CASAR-SE À MADEIRA NO VERÃO”**

empresário da JM Events. O organizador de casamentos da Madeira acredita que além da nostalgia, estes portugueses que trabalham no estrangeiro estão a aproveitar as tarifas *low cost* das companhias aéreas e os preços de saldo dos hotéis do Funchal. “Querem sobretudo casar-se na terra dos pais”, enfatiza.

Também no Algarve se passa um fenómeno semelhante. “Foi algo que se acentuou este ano”, explica Bianca Oliveira que organiza cada vez mais festas de casamento de emigrantes de segunda geração mas também de portugueses que começaram a trabalhar há poucos anos, e pela primeira vez, no estrangeiro. “São em geral pessoas de sucesso, não regateiam nem perguntam por preços e vêm de países como Inglaterra e França”, conta esta *wedding planner* de origem brasileira.

Para a coordenadora do Observatório da Emigração, Filipa Pinho, o fenómeno dos casamentos de emigrantes no verão “vai além da saudade e da familiaridade”, uma vez que “nem todos” são filhos da terra. É que tanto a Madeira como o Algarve têm infraestruturas turísticas “muito confortáveis” que permitem “um bom período de lazer”. E conclui: “É natural que estes jovens venham procurar o sol, estando a trabalhar durante todo o ano onde ele é escasso”. Com sorte, irão regressar ao local de trabalho com uma aliança nova no dedo e um bronzado de fazer inveja.